

Loris Graldi Rampazzo

Mas pode chamar de Loris Djanira

Pesquisadora de artes plásticas, é a principal estudiosa da pintora Djanira, e mudou a visão da academia sobre a obra da artista de Avaré

TEXTO Gilberto Amêndola
FOTO Michela Brígida Rodrigues

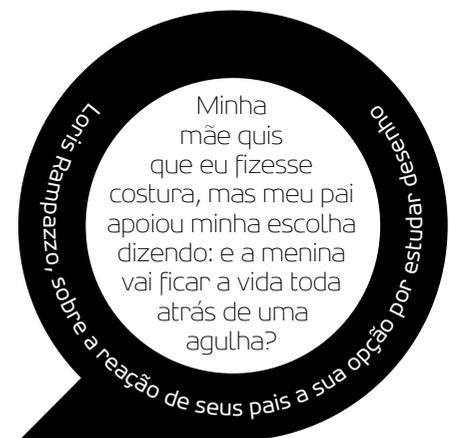
No porta-retratos sobre o piano, a foto da última viagem que fez com o marido. Na verdade, um bate-volta rápido para Brasília – com o único e firme propósito de visitar a exposição daquela que tem sido a razão dos seus estudos e o seu assunto favorito: a pintora Djanira. “Eu amo falar sobre Djanira, aprender sobre Djanira e ensinar sobre Djanira. Tudo o que diz respeito a ela me interessa muito”, diz a professora e doutora em Artes Loris Graldi Rampazzo.

Mas antes de mergulhar no assunto preferido, Loris é instigada a contar a própria história. Aos 74 anos, a professora se arruma no sofá e, sem tirar o sorriso do rosto, vai buscar memórias de uma vida com sabor paulistano, sotaque italiano e riqueza de detalhes.

O pai de Loris, um italiano da cidade de Ferrara, chegou ao Brasil na Semana de Arte Moderna de 1922. Alfaiate de ofício, Ângelo Stievano se misturou com facilidade à comunidade italiana local. Aqui, casou-se com Maria, que também frequentava os redutos italianos da cidade.

O jovem casal morou no Jardim Paulistano, nas proximidades da Rua Maceió. Mas, um pouco antes da Revolução de 1932, tiveram que abandonar o local. “Naquela região, estavam levantando trincheiras por conta da revolução. Ficou perigoso morar por ali”, conta Loris.

Ela nasceu em 1940, em Pinheiros, mais especificamente na Rua Deputado Lacerda Franco. Depois, mudou-se para Santana





O que dizem

sobre Loris Graldi Rampazzo

Alcindo Moreira Filho

Professor que ministrou a disciplina de Pintura no Instituto de Artes da Unesp

Ela foi minha aluna, uma das melhores da primeira turma do Instituto de Artes. Além disso, ela é uma artista muito peculiar e interessante. Gosto tanto do trabalho dela que acredito que a Loris deveria pintar mais. Sua dedicação à obra de Djanira também é uma coisa muito impressionante

Marco Antônio Guerra

Professor da Escola de Comunicação e Artes (USP)

É até difícil falar de uma pessoa que eu admiro tanto. Mas trata-se de uma professora que, certamente, acrescentou muito à vida de seus alunos. A Loris é uma grande amiga, um ser humano excepcional. Tudo o que ela faz, todo o seu trabalho, é feito com muita dedicação e amor

Paula de Vincenzo Fidelis Belfort Mattos

Coordenadora do curso de Artes e Design da Universidade São Judas Tadeu

Loris é a pessoa mais dedicada ao ensino que eu conheço. Ela sempre é homenageada pelos seus estudantes, os alunos são absolutamente apaixonados por ela. Acredito que Loris seja um grande exemplo para outros professores também, professores de qualquer área

Miguel de Farias e Vasconcelos Filho

Professor do curso de Design da Faap

A Loris é um espelho para qualquer educador. Ela sabe que a questão não é só ensinar, é dar o exemplo de honestidade e dedicação



Loris e Armando em Brasília, onde foram visitar uma exposição de Djanira

e, por fim, encontrou o bairro da Mooca – onde mora há 50 anos na mesma casa. “Toda minha vida estudei em escola pública. Naquela época, escola pública era sinônimo de qualidade. Quem ia para o ensino privado era porque precisava pagar para passar de ano.”

Nas primeiras brincadeiras de criança, Loris já mostrava qual seria o seu futuro. “Que criança não gosta de brincar de escolinha? Eu tinha uma amiga, a Sueli, que sempre queria ser a professora nas nossas brincadeiras. Eu não me incomodava. Deixava que ela ensinasse o ‘a, e, i, o, u’, mas na hora dos desenhos era eu quem ensinava”, recorda.

Depois do quarto ano do ensino ginasial, Loris teve que escolher em que tipo de escola ela gostaria de estudar. “Eu queria estudar desenho”, diz. Hoje, a escolha parece simples e promissora, mas na década de 1950 o curso de desenho era estritamente técnico e industrial – definitivamente não era o que a sociedade esperava de uma menina.

“Minha mãe chegou a ponderar. Sugeriu que eu fizesse um curso de corte e costura. Mas meu pai defendeu minha opção e disse ‘imagina, a menina vai ter uma vida inteira atrás de um pedacinho de aço (a agulha, no caso)’.”

A professora lembra-se dos conselhos que um compadre do seu pai deu em voz alta:

– Onde você está com a cabeça, Ângelo, que vai deixar a Loris estudar? Mulher não é pra estudar. Ainda mais pintura. No máximo, mulher tem que estudar corte e costura, culinária...

O sorriso de Santos Dummont

Loris entrou no Carlos de Campos, instituição que mantinha um curso de desenho industrial. “Era uma escola técnica, sem o glamour das normalistas”, conta. Tratava-se de um curso só para meninas (apenas seis alunas) – que tinha uma rivalidade com o curso de desenho, composto apenas por meninos, da Getúlio Vargas.

Na época, as duas escolas participavam de vários concursos promovidos pelo governo e por publicações de bairro. Loris, por exemplo, ganhou um concurso para fazer a capa da *Revista do Clube Esportivo da Penha*. “Foi meu primeiro prêmio. Fiz um boneco de arame, sem fisionomia. O que se destacava era o uniforme do clube.” Ela também venceu um concurso com sua primeira pintura a óleo – uma reprodução de um postal da cidade de Veneza.

Loris e suas colegas de turma também ganharam o direito de apresentar seus desenhos sobre “segurança no trânsito” no programa *Clube do Papai Noel*, na TV Tupi, apresentado por Homero Silva. “Imagina, eu ia aparecer na televisão. Isso, naquela época, era um acontecimento, a



Djanira, em uma de suas últimas fotos

vizinhança inteira se reuniu para assistir.” O problema é que momentos antes de apresentar o seu trabalho, o cartaz feito por ela se desprende da parede e caiu. Ao vivo, no maior improviso, Loris deu um jeito de mostrar o seu desenho segurando o cartaz com uma das mãos. Homero Silva e a vizinhança ligada em um aparelho de TV comemoraram a desenvoltura da menina.

Mas o concurso mais marcante foi o da Semana da Asa. Ele envolveu as meninas do Carlos de Campos e os rapazes da Getúlio Vargas. “Eu fiz um Santos Dummont como se ele estivesse no infinito. Mas no meu desenho Santos Dummont estava sorrindo. Coisa rara, todos os desenhos e representações o mostravam com um ar muito sério.”

Loris tinha uma rival. Na verdade, uma estudante que sempre era a número um da turma, a Geni. “Ela fez um avião bellissimo”, lembra. Já na Getúlio Vargas, espalhou-se a notícia de que a vencedora tinha sido uma menina do Carlos de Campos. Quem teria sido? “Geni, claro”, repetia para si mesma a jovem Loris, na época com 17 anos.

Para surpresa de Loris, o trabalho escolhido foi o seu Santos Dummont sorridente. Como prêmio, ela ganhou uma viagem aos Estados Unidos. Ganhou, sim. Mas não levou. O prometido prêmio nun-



Com aluna, recebendo prêmio do secretário do Trabalho, Almir Pazzianoto

ca foi entregue. “Eu passei o ano de 1958 brigando para receber essa viagem. Todo dia eu ia reclamar esse prêmio. Mas, desconfio, alguém viajou no meu lugar.” De tanto insistir, Loris foi premiada com outra viagem. “Me mandaram para Brasília. Uma Brasília que ainda estava em construção – e não havia sido inaugurada.” A viagem, feita em um bimotor que havia sido usado por Getúlio Vargas, durou quatro horas e foi marcada por uma forte turbulência. “Todos passaram mal”, lembra.

Em Brasília, Loris pôde conhecer o Palácio da Alvorada antes mesmo de o local ser habitado. “O Palácio já estava pronto, os ministérios e algumas outras coisas também. Faltavam seis meses para a inauguração da cidade e nós ficamos hospedadas na Base Aérea.”

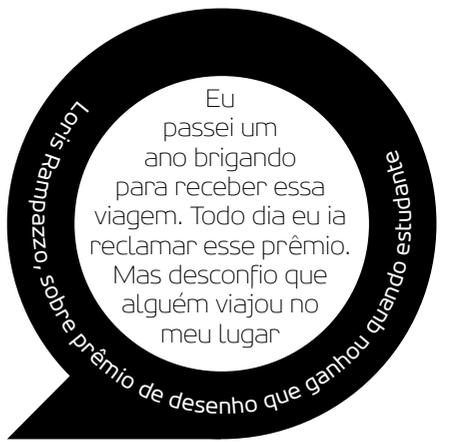
As aulas e o piano

Ainda em 1958, Loris começou a dar aulas de desenho e pintura para crianças e adolescentes – algumas delas mais velhas do que ela. “Eu dava desenho em um curso de corte e costura. Minha função era ensinar desenhos que servissem de composição para bordados. Várias das minhas alunas eram noviças”, conta.

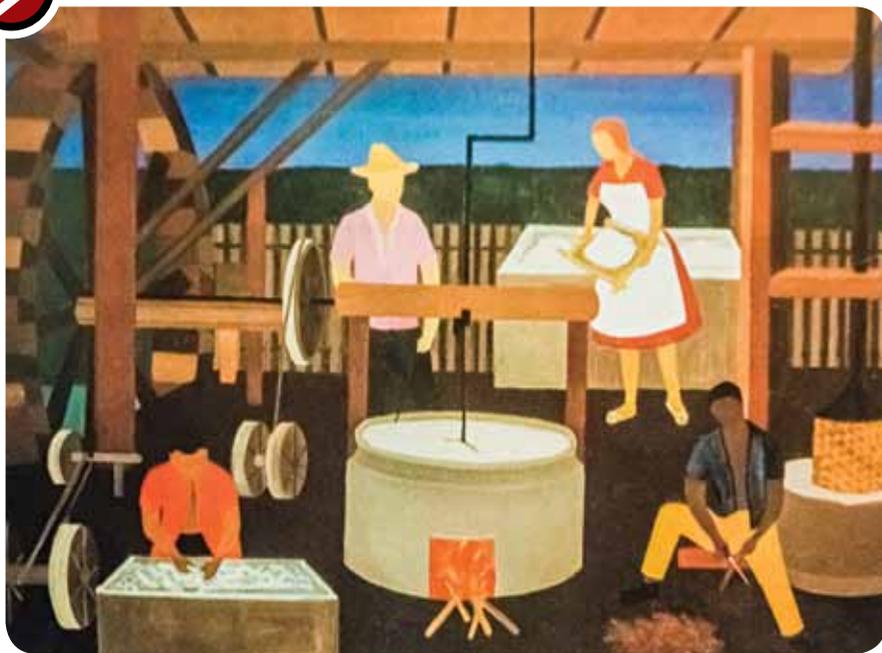
No início dos anos 1960, o pai de Loris faleceu e, como ela mesma diz, “o barco quase afundou”. “Eu dava aula em San-

tana, ganhava mal e os espaços que existiam para aulas de desenho eram todos ocupados por professores de geometria.” As coisas estavam difíceis, Loris foi registrar o seu diploma do Carlos de Campos no departamento de Desenho Industrial da Vila Formosa. Ao chegar ao departamento, recebeu a sugestão de realizar um curso de didática. “O governo incentivava quem tinha formação técnica a aprender didática. Ou seja, aprender a dar aula”, fala. Nesse curso, conheceu seu marido, Armando Rampazzo. “Ele me convidava pra tomar café. Já viu né? Café vai, café vem, ficamos casados por 50 anos (Armando faleceu em 2011).”

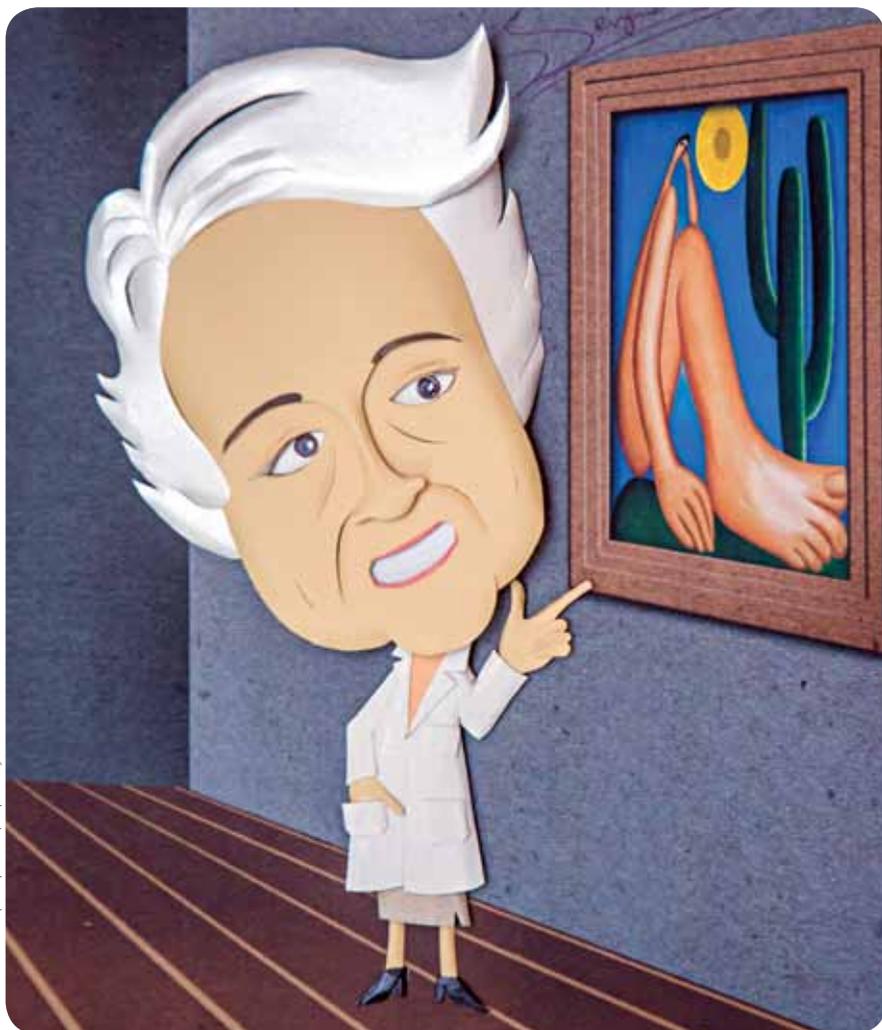
Nasceram as filhas e Loris ficou um



Fotos: Arquivo pessoal/Reprodução



Uma das obras de Djanira de sua coleção: pintura da série casa de farinha, 1963



Quadro de um de seus alunos representa Loris explicando o célebre *Abaporu*

período em casa. Embora fosse um marido incentivador, Armando preferia que a professora não fosse lecionar longe de casa. Na época, uma vizinha, dona Carmen, chegou a comentar: “Armando, vai deixar a Loris aí com tanto estudo, mas sem fazer nada?”.

Carmen, que era professora de piano, propôs que Loris desse aulas particulares para a sua filha. “Eu ensinava desenho e ajudava nos deveres de casa. A coisa foi dando tão certo que a Carmen acabava me indicando para suas alunas de piano que precisavam de reforço escolar. Durante um período, tive cerca de 28 alunas particulares. Ganhava mais trabalhando em casa do que dando aula para as freiras”, diz.

Carmen também insistiu para que Loris aprendesse piano. Resultado, ela estudou cinco anos de piano – e até ganhou o instrumento do marido. A coisa ficou tão séria que Loris foi parar em um conservatório. Lá, uma amiga a instigou: “Por que a gente não presta o vestibular? Vamos fazer o curso de Educação Artística na Unesp”. Loris achou graça e respondeu que no tempo dela a matemática era diferente, que seria impossível passar num vestibular... Mas a amiga ponderou: “nosso curso é de Humanas, se você não zerar em matemática, tem chances de passar”.

Resultado: Loris foi aprovada na recém-criada Unesp e cursou os quatro anos de Educação Artística. O câmpus do Instituto de Artes, à época, ficava em São Bernardo, e a habilitação em Artes Plásticas ainda não existia. Por isso, optou pela habilitação em Música, usando o que tinha aprendido com a vizinha Carmen e com as aulas do conservatório.

O período como aluna em São Bernardo foi intenso. “Eu aprendi muito, conheci ótimos professores e colegas”, lembra. Nessa época fez parte de uma comissão que pedia às autoridades de São Bernardo a concessão do terreno onde ficava a universidade. Sem sucesso. “Eles diziam que São Bernardo não precisava de sonhadores”, diz. Também com outros alunos do Instituto de Artes, Loris foi tentar adquirir o passe escolar junto à Prefeitura. “Quando chegou na nossa vez,

disseram que estudantes de artes não tinham esse direito, porque achavam que a arte era algo supérfluo.” Tantas foram as dificuldades que o Instituto de Artes acabou se transferindo para o bairro do Ipiranga em 1981.

Paralelamente, Loris também lecionava no colégio Rocha Mendes. No começo, tratava-se apenas de um curso livre, mas graças a sua empolgação e dedicação, em quatro anos, o curso de Comunicação Visual tornou-se oficial. “Você tem que ter um ideal, um projeto de vida. Se você não tem um ideal é porque não gosta do que está fazendo. Eu posso dizer que amo lecionar.” E a matéria-prima do professor é o aluno”, analisa.

Em 1998, Loris voltou à Unesp, desta vez como professora. Também coordenou um grupo de pós-graduação em Artes Visuais. “Foi um período muito rico. Eu sempre gostei de atividades extraclasse, sempre levei meus alunos para exposições e outros eventos. Foi um lugar com que eu me identifiquei muito e onde, acredito, cresci como profissional”, afirma.

Djanira

Foi o professor Alcindo Moreira Filho que convenceu Loris da necessidade de fazer uma pós-graduação e até um mestrado. Era a oportunidade de ampliar o seu universo enquanto professora – e dar aula para universitários. O problema era encontrar um tema para concentrar os seus estudos. Pensou em se aprofundar na história do ensino do desenho, mas logo deixou o tema de lado. Até que outro professor, Marco Antônio Guerra, a questionou: “Por que você não faz sua pós sobre a pintora Djanira?”.

Djanira. Será? Djanira da Motta e Silva nasceu em 1914 em Avaré, no interior de São Paulo. Teve uma vida atribulada e enfrentou vários problemas de saúde. Chegou a ser desenganada pelos médicos quando uma tuberculose foi diagnosticada, mas viveu até os 65 anos, falecendo em 1979.

Djanira era uma artista pouco ou quase nada conhecida pelo grande público, mesmo em sua Avaré natal. Isso, é claro, até a professora Loris decidir se dedicar inteiramente à sua obra e história.

“Quando eu comecei a pesquisar, não havia nada sobre ela. Fui realizando um levantamento, procurando livros e informações e em 1984 decidi ir até Avaré e conhecer mais profundamente a vida de Djanira”, disse Loris.

A primeira providência era, justamente, constatar se Djanira tinha realmente nascido em Avaré. Foi bater no cartório da cidade e encontrou a certidão de nascimento da pintora. E só; não conseguia obter nenhuma outra informação. Decidiu tentar na universidade de Avaré. Também foi em vão. “Eu perguntava sobre a artista e as pessoas diziam: ‘Quem?’”, conta.

Felizmente, Loris não desistiu e resolveu se plantar na porta da igreja da cidade e abordar as beatas que saíam da missa.

– Você conhece a pintora Djanira?, perguntou para uma beata.

– Sim, a prima dela mora aqui, na rua Pernambuco!, respondeu a mulher.

Assim, por acaso, descobriu a casa de dona Vera, prima de Djanira. Vera, que estava de viagem marcada para a Europa, não mediu esforços para ajudar Loris. “A casa está a sua disposição. Tudo o que você precisar, tudo o que você quiser... Você pode fotografar e mexer em tudo que existe sobre Djanira aqui. Se você veio pra saber de Djanira é porque é gente boa”, disse Vera.

Depois da casa de Vera, Loris foi apresentada a Elda, uma tia de Djanira. “Com a tia Elda foi a mesma coisa. Bati palmas na frente do portão dela e fui entrando.” Rapidamente, estabeleceu-se uma relação

de confiança, e a parente abriu o baú da vida e da obra da artista. A pesquisadora conta que, em certos momentos, olhava para tia Elda e se perguntava se ela seria capaz de realizar o trabalho a que se propunha. Elda respondia de bate-pronto: “O pessoal lá de cima mexe com a gente como se fôssemos marionetes. Vai dar tudo certo”.

E deu muito certo. Os trabalhos de doutorado e mestrado recolocaram e revalorizaram o trabalho de Djanira. “Antes, todo mundo dizia que o trabalho de Djanira era *naïf* ou primitivista. Com minha pesquisa, mostrei que ela pode até ter começado como primitivista, mas sua obra está totalmente inserida no contexto do modernismo”, explica.

“O trabalho de Djanira pode ser analisado do ponto de vista do folclore, pois ela tinha uma grande ligação com o povo brasileiro. Em suas obras, você tem essa diversidade, do branco, do negro e do mulato. O trabalho de Djanira pode ser entendido como um tratado sociológico”, comenta. “Tem uma frase da Djanira de que gosto muito. Ela dizia que amava o Brasil ‘geograficamente’.”

Depois da conclusão do mestrado, Loris foi entregar o resultado de sua pesquisa para a tia Elda. O maior orgulho de Loris é visitar Avaré e perceber que, hoje, depois de todo o seu trabalho, qualquer criança da cidade sabe quem foi Djanira. “Foi um resgate de memória, foi a coisa mais importante do meu trabalho. Djanira era uma mulher que produzia muito, que representou o Brasil nos EUA, em cidades da Europa e até na Rússia. Ela foi a primeira artista sul-americana a ter uma obra exposta no museu de arte contemporânea do Vaticano. Meu sonho agora é escrever e produzir um livro de arte sobre Djanira. Esse é o meu próximo projeto”, garante.

Loris confessa que não passa um dia, uma aula, sem que Djanira seja citada. “Eu falo de Djanira o tempo todo. Nós só estivemos juntas em sonho, mas Djanira é uma presença constante na minha vida. Minha ligação com ela é tão grande que algumas pessoas me chamam de ‘Loris Djanira’. E eu gosto...”

